

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SECULO

Propriedade de J. DA SILVA GRAÇA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisbo^a



Ferocidade integralista



Os adalaidinhas:
—Crédo! não é homem para nós!



PALESTRA AMENA

Ir á missa...

Esteve algo barulhento o congresso do P. R. P., o que não quer dizer, como muito bem acentuou um colega diário que deveras acatamos, que o dito congresso não fosse uma importantíssima afirmação de vitalidade e de patriotismo: unidade absoluta de vistas, a não ser nos pontos basicos, é impossível have-la quando se reúnem centos de homens; serenidade d'animo, a ponto de não se exteriorisarem as opiniões senão comedidamente, não é coisa que se possa exigir de latinos, em geral, e de portugueses, em particular.

Ora, uma das passagens mais ruidosas foi a provocada pelas declarações do democratico sr. Severino da Silva, discutindo a proposta do sr. dr. Daniel Rodrigues ácerca da lei da Separação. Entendeu a assembleia que o sr. Severino da Silva tinha dito que «ia á missa» e logo se multiplicaram dichotes e se deu pateada, a par de palmas e de frases de aplauso ao declarante.

As folhas periodicas contaram o caso, com maior ou menor fidelidade e o visado acudiu a explicar o sentido da sua frase e expôr ainda que tinha acrescentado que «ia á missa e ao templo exercer uma acção fiscalisadora, com perfeito conhecimento de causa.»

Confessando que não compreendemos nitidamente o que o sr. Severino da Silva quer significar com estas ultimas palavras, somos a dizer que não se devia ter preocupado tanto com o incidente. Vá á missa, não vá á missa, vá para fiscalisar, não vá para fiska isar, tenha perfeito conhecimento de causa ou não tenha perfeito conhecimento de causa, que importa al mundo?

O que é de estranhar n'isto tudo é a importancia que n'este paiz dá cada um ás coisas mininas. Pois se na vida ha tantas coisas sérias que incomodam uma pessoa, como se pode gastar tempo, tinta, atenção, com bagatelas, que não valem a ponta d'um cigarro — do tempo em que as pontas de cigarro não valiam nada?

Não se trata, decerto, d'um caso de vaidade pessoal, mas a verdade é que o sr. Severino da Silva vai na onda; todo o cidadão português imagina que o mundo está de olhos fitos em seus gestos e cre-se na obrigação de vir dar-lhe contas das ninharias que lhe atribulam a existencia, como se fossem faltas de grande alcance.

Se amanhã, ao cidadão que berra desesperadamente porque um transeunte sem querer, o acotovelou na rua, maior precalço lhe acontecer, se um automovel lhe cortar as pernas, por exemplo — que intensidade de voz hade ter para que o escutem e para que lhe acudam?

Vá lá á missa, sr. Severino da Silva, que a Europa não se importa com isso.

J. Neutral.

Arte primitiva

Anuncia-se para breve, entre nós, uma exposição de arte primitiva e perguntam-nos varios curiosos o que vem a ser isso. Estupidissimos consultantes: arte primitiva vem a ser a arte, em qualquer dos seus ramos, pintura, escultura, musica, poesia, etc., etc. — que se manifestou em remotas eras. Exemplificando: é arte primitiva, em



escultura, os frades de pedra; em pintura, os paineis das alminhas do Purgatorio, que se vêem por essas estradas fóra; em musica a Maria Cachucha, como em poesia a respectiva letra, «Com quem dormes tu...»

São ainda arte primitiva os cataventos que se vêem nos telhados das aldeias, os relógios de sol, as caixas de rapé, as gravatas do sr. Brito Camacho, etc., etc.

Ha cada tapado n'este mundo!

Torre de chifre

O outono

Cai a folha do arvoredado Onde as aves em segredo Já cantam suavemente; Ha uma tristeza infinita Que pelo campo se agita Como a febre d'um doente.

A natureza esmorece E o sol quando aparece Aparece desmaiado; O mar solta gemidos, Os ventos são doloridos, Tudo está desconsolado.

O' mulher que tanto amei, Mulher de quem muito gostei Já não te verei jámais Nas sombras da primavera Quando a tua fronte sincera Tinha reflexos ideais!

Breve chegará o inverno E com ele o gelo eterno Nas montanhas a branquejar. Adeus, adeus anjo querido, Perdi de ti o sentido Nunca mais te hei-de amar!

JAIME L. TAVIRA.

Casamento original

Já o pobre Gervasio Lobato diz a que estava enganado quem supunha que ele inventava os disparates que explorava na baixa comedia: os disparates é que vinham ter com ele, como acontece connosco. Se lhes contássemos que na Povoia de Lanhoso o sacristão da igreja da Senhora do Pilar, sr. Zeferino, substituiu o prior na cerimonia religiosa do casamento da filha (da filha d'ele, sacristão, entenda-se) e, botando sobre os nubentes algum latim avariado, os declarou casados para todos os efeitos, os senhores diziam que estavam a chuchar com a tropa. Pois diziam uma grande burrice, porque o que acabamos de contar veio publicado no Seculo, que é incapaz de dizer uma coisa por outra.

E o melhor é que o casamento feito pelo Zeferino ha de ser tão frutifero como se fosse efectuado pelo prior. Tantos meninos o casal ha de ter assim, como assado: quem viver verá.



Assim como Diogenes procurava «um homem», assim os jovens integralistas lusitanos procuram um camarada para «brincar aos reis»...

...E, então, uma voz lhes brada, nas trevas: «Se vos contentaes com um presidente, ha um com pratica, desempregado e que não se importa de ir para casa com creanças—antes pelo contrario!»



Felizões!

Sabem os senhores quem são uns grandes felizões? São os esquimós, que só pouco ha tempo souberam que tinha terminado a guerra, pondo-se a cantar, a dançar e a tocar harmonio por tal facto; segundo conta o *Seculo* n'um telegrama de Londres.

Desde 1917, diz-se ainda no mesmo telegrama, que os ditos esquimós não tinham comunicação: isto é, outra grandissima sorte.

Estranha o leitor? Pois veja bem: 1.º—Durante a guerra estavam os generos muito mais baratos do que atualmente, e além d'isso toda a gente se sujeitava a fazer sacrificios, porque lá resa a sabedoria das nações que em tempo de guerra não se limpam armas. 2.º—Os paizes que não estiveram isolados do resto do mundo, foram obrigados a suportar a influencia da belligerancia.

Tomaremos nós que Portugal fosse situado no polo norte; estavamos a esta hora a bailar e a cantar ao som do harmonio, como uns catitas!

Protesto justificado

Recebemos a seguinte carta:

*«Meu caro Acacio de Paiva:
Protesto, cheia de raiva,
E tanto que até sufoco,
Contra a medonha figura,
A minha caricatura
Que acompanhava o Em foco!*

*O soneto ainda passa,
Tem até bastante graça
E mosta a um certo trabalho,
Mas o retrato do lado
E' um demonio acabado,
Um verdadeiro espantallo!*

*O autor d'aquela beleza
Nunca me viu com certeza
E por isso se enganou:
Aquela cara de dô
Era a minha bisavó,
Ou antes, meu bisavô!*

*Não peço que rectifique
Porque receio que fique
Ainda peor do que esta,
Conste, porém, que a agravada
Se encontra muito escamada
E d'este modo protesta.*

*Pela tal caricatura
Dê uma descompostura
Ao nosso Rocha Vieira
E você, seu figurão,
Tome um aperto de mão
Da*

Emilia de Oliveira.»

Havemos de concordar que ainda temos atrizes com espirito.

EM FOCO

Samuel Maia, autor do «Sexo forte»



*Saiu-me um literato de mão cheia
O doutor. Samuel, o romancista,
Como o demonstra o livro à minha
vista,
Famoso pela forma e pela idéa.*

*Conheço-o de menino; tinha veia
E já fazia prosa modernista,
Já era o precursor do belo artista
A quem faço esta especie de epopeia.*

*E' medico, tambem, de grande alcance,
Perito em diversissimas maleitas,
Receitando e curando n'um relance.*

*Todas as coisas faz, emfim, perfeitas,
Mas para mim prefiro-o no romance
E oxalá o não grame nas receitas!*

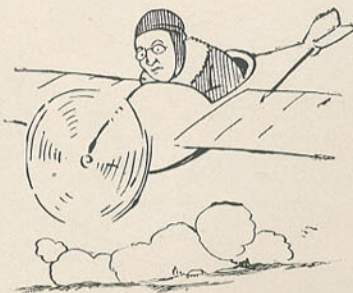
BELMIRO

Nos ares

O aviador futurista Ozari anunciou n'um jornal de Roma o projeto d'um teatro aereo, isto é, de representações teatrais no espaço.

Estamos a ver o leitor, a esfregar as mãos de contente, com a esperança de que certos actores nossos se escripturem e vão representar a cinco ou seis mil metros distantes de nós, em aeroplano.

Não é isso, porém, do que se trata:



os aeroplanos, segundo os futuristas, passam a ser os personagens das peças, traduzindo por meio de evoluções o pensamento dos respectivos autores.

Não percebem? Imaginem, por exemplo, que dois aeroplanos voam a par, serenamente: é um casal, marido e mulher, seguindo o seu caminho sem desavenças, muito unidinhos.

De subito, aparece terceiro aeroplano, que vai seguindo aqueles a certa distancia. Sabem o que é? E' um sedutor de profissão, que tenta conquistar a esposa do colega.

O sedutor ascende, fica em plano superior ao casal e de subito desce e passa entre os dois conjuges. Dá-se a separação de pessoas e bens e se o aeroplano que representa a esposa se-

gue atraz do sedutor, temos a patifaria consumada.

Mas n'isto o aeroplano-marido atira-se de cabeça ao aeroplano dom-Juan; este desvia-se; o primeiro volta á carga... N'isto surgem no horisonte tres ou quatro aeroplanos pequeninos, seguindo um aeroplano grande: são os filhos do casal, que andavam de passeio com a mestra. O aeroplano-esposa ao ver os filhos arrepende-se, coloca-se entre os contendores e em breve se perde no horisonte, levando ao lado o aeroplano-marido e atraz os aeroplanos-filhos e o aeroplano-mestra.

Uma aterrissage rapida do aeroplano-sedutor finge o suicidio d'este e determina o final da peça, que muito deve agradecer.

Que será?

Tenham a bondade de lançar a vista para esta noticia publicada nos periodicos de quarta feira passada:

«O sr. Luiz Galhardo vai, em missão especial e gratuita, a Espanha, França, Suissa, Holanda e Inglaterra».

Quer isto dizer que em breve teremos n'algun teatro da capital uma companhia dramatica com artistas espanhois, francezes, suissos, holandezes e inglezes. Ou então, o activo empregazario e nosso particular amigo vai tomar conta de todos os teatros das capitais das nações referidas. Ou então vai colher elementos para uma peça que tenciona escrever espano - franco - suisso anglo-flamenga.

Ou então vai preparar o terreno para uma *tournee*, com as suas diversas companhias teatrais, pelos paizes designados.

Ou então...

Ou então vai fugido aos pedidos de *borlas*, que em Lisboa nem lhe deixam tempo para se coçar.

Que será?

Caridade bem entendida



No Congresso. Entre colegas:
—Obrigado ao meu amigo por ter votado 250 escudos por mez cá para a pessoa.
—Igualmente...